

Especial

# As novas gerações e o feminismo

Para Ana Lyvia Nadler, neta de Elizabeth, as conquistas das gerações anteriores não devem ser tratadas como garantias definitivas. Aos 23 anos, ela observa que discursos conservadores disseminados nas redes sociais podem reavivar cobranças sobre o comportamento feminino, especialmente quando o assunto é casamento.

“Penso nessas conquistas diariamente, principalmente após o retorno da propagação dos padrões conservadores nas redes sociais, pois esse movimento faz com que questionemos nossas escolhas, como se essas fossem excludentes, quando se trata de ter qualidades para ‘ser escolhida’”, comenta.

Ela conta que ainda escuta de familiares mais velhos que ser criteriosa nos relacionamentos pode prejudicar seu futuro matrimonial. A frase “quem escolhe demais acaba ficando sozinho” resume uma expectativa que, em sua avaliação, coloca sobre as mulheres a responsabilidade de garantir um casamento, mesmo quando isso significa abrir mão de critérios pessoais.

Ana Lyvia acredita que a independência financeira e a possibilidade de escolher um companheiro por afinidade representam avanços fundamentais. Ao mesmo tempo, considera que sua geração precisa ampliar a compreensão sobre o feminismo e superar a ideia de que o movimento se opõe aos homens ou à família. “Só de termos ciência de que podemos questionar e combater esses pontos sem sermos julgadas e, em certos pontos, sem sermos penalizadas, já traríamos um grande avanço para a sociedade e, especialmente, para as mulheres”, avalia.

A discussão também encontrou na internet um espaço para ampliar denúncias, compartilhar experiências e dar visibilidade às desigualdades de gênero. A pesquisadora de feminismo e violência de gênero em mídias digitais e doutora em comunicação Francielle Esmitiz, 33, começou a se aprofundar no tema em 2014, ao participar de um grupo de pesquisa que analisava debates nas plataformas digitais e sua repercussão no jornalismo.

Naquele período, campanhas como #PrimeiroAssédio, #MeToo e #NãoMereçoSerEstuprada ganharam espaço nas discussões públicas e ajudaram a evidenciar experiên-

cias de machismo e violência contra as mulheres. O contato com esses debates orientou as pesquisas de mestrado e doutorado de Francielle. Durante a pandemia, em 2020, ela criou um perfil no Instagram para compartilhar o conhecimento adquirido e ampliar o diálogo sobre a história e as conquistas do movimento feminista.

Para a pesquisadora, a desigualdade de gênero também se manifesta nas dificuldades enfrentadas por mulheres que buscam ocupar espaços de decisão. Além de conciliarem estudos, trabalho e responsabilidades domésticas e familiares, elas encontram ambientes de poder historicamente dominados por homens, que nem sempre consideram suas experiências e necessidades. “É como se esses espaços não fossem para nós. É preciso que as mulheres sejam ouvidas e que suas formas de fazer política sejam incorporadas”, afirma.

## Participação e mobilização

A advogada Letícia Lé, de 27 anos, conta que seu interesse pela política começou durante as manifestações de 2013, mas ganhou outra dimensão em 2016, durante o processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff. Para ela, a maneira como a ex-presidente era atacada, inclusive por sua condição de mulher, contribuiu para aproximá-la do movimento feminista.

Com isso, Letícia passou a frequentar atos feministas e a acompanhar mais de perto as reivindicações do movimento. Ao falar sobre a presença feminina nos espaços de decisão, ela destaca a sensação de isolamento que pode surgir em ambientes ainda majoritariamente ocupados por homens. “Chegar a esses espaços e buscar defender os interesses das mulheres dá um sentimento de solidão”, relata.

Para a advogada, ampliar a representação exige mudanças que vão além das regras eleitorais. Ela defende a educação para a igualdade de gênero desde a infância, para que meninas reconheçam a política e os espaços de liderança como possibilidades concretas. Também



A pesquisadora Francielle destaca a leitura como caminho para conhecer a história



Para Letícia Lé, ampliar a presença das mulheres nos espaços de poder é parte da luta

aponta a necessidade de avançar na igualdade salarial e de fortalecer políticas públicas que permitam às mulheres conquistar autonomia financeira.

Letícia ressalta, ainda, que o aumento do número de candidatas não garante, isoladamente, o compromisso com as pautas feministas. A representação, em sua avaliação, precisa ser acompanhada de propostas e ações que contribuam para a manutenção e a ampliação dos direitos. Ela cita o enfrentamento à violência contra as mulheres, a proteção de vítimas de violência doméstica e a igualdade de oportunidades como questões que exigem atuação contínua do poder público. A autonomia econômica também aparece como elemento importante para romper ciclos de violência.

## Uma liberdade que não veio de graça

A trajetória de Socorro Vale também se conecta à experiência da filha, Maria do Carmo, e da neta Ana Luisa Gentil, 27. A publicitária cresceu ouvindo histórias de mulheres que construíram a própria independência em contextos muito diferentes do atual. Para ela, uma das principais diferenças entre as gerações está na possibilidade de construir uma vida sem que o casamento seja uma condição para a estabilidade financeira ou para o reconhecimento social.

A independência transmitida pela mãe e pela avó tornou-se uma referência para pensar o futuro. “Uma das maiores lições que minha mãe e minha avó me ensinaram foi a importância de nunca depender de ninguém para construir a própria vida. E acho que é isso que eu gostaria de passar adiante”, afirma.

Ana Luisa reconhece que as liberdades atuais foram conquistadas por mulheres que enfrentaram situações muito diferentes das vividas por ela. “Quero que as mulheres do futuro saibam que a liberdade que temos hoje não veio de graça. Ela é resultado de muitas mulheres que precisaram ser fortes, enfrentar dificuldades e abrir caminhos. Se minha avó e minha mãe correram para que eu pudesse andar, espero que as próximas gerações possam voar”, diz.